

09. A morte é uma flor que uma só vez floresce

Paulo Nogueira (Universidade do Porto)



A morte é uma flor que uma só vez floresce. Paulo Nogueira

Quando se perde a linguagem, perde-se a morte também. E o inomeável, que tem nome – seja Morte, seja Dor – perde-se também. Desconhecidas, Morte ou Dor, precisamos de as convocar, se o tempo e a memória do mundo lhes bastarem, se ainda houver atalhos desconhecidos. Precisamos reaprender a tratá-las por tu, e justamente por serem da esfera do indizível, Morte ou Dor, tornam-se ainda mais essenciais à linguagem, a uma consciência plena de ser. Assim, é mais seguro seguir o caminho e menos penosa a espera, o intervalo, a luta, a possibilidade ou o instante doravante sempre iminente. Morre-se demasiado tarde, vive-se à espera das pequenas mortes como um acidente que vem sempre de fora. Aprender a morrer, a roubar à morte toda a paixão e a enormidade do seu desastre, é o único gesto-dádiva passível da morte livre: a morte não se toma, nem se dá – só podemos dar-nos a morte. Este é o meu único gesto-dádiva que implica em mim uma resposta e uma dívida de extrema responsabilidade. A escrita é um dos lugares aonde podemos ir aprender a morrer. Cada um aprende a silenciar-se e a suspender, a ser-se pedra, amigo da poeira – nómada, a despedida muda o mundo, muda a morte. Na zona de passagem ocupada pela morte nada é meu, salto para onde? A alameda de luzes percorrida pelo viajante vai em direção a uma festa ao crepúsculo. Na sua relação com a morte, o vestígio incorpóreo condu-lo a um modo de ser que faz de cada um de nós um igual. O pó, a terra, a pedra – seres luminosos que pousam em vez de partirem – ‘persiste o espanto, como se começasse agora a viver, pois tudo muda, e só agora eu sou, só agora, por fim, na morte.’ (Hölderlin).

Sobrevivo de pé até à última noite do mundo. Escrevo com o corpo suspenso, suspenso num afundamento, lugar onde o meu próprio eu se apaga. A suspensão é um afundamento que sabe que regrediu até ao ponto em que a leveza vem à tona em toda a sua luz e cor. O elemento líquido da morte é o que faz florir a flor e que a natureza acolhe como um mergulho final, livre, onde até os machados dão flor. Do lado de lá da Dor, o silêncio crecente, onde as canções que escrevo não têm som. A única música é a de um fim que é recomeço, determinante ao abrir ou ao fechar o espaço da ausência para que morrer seja presente. Na Morte há uma ‘sageza da espera’ que, por ser uma raiz, ‘floresce quando quer, quando menos se espera’ (Paul Celan). E a fala é o gesto. É preciso que todas as formas se degradem para que o poema aconteça, e que a montanhosa Dor se transforme em escola. A montanha é uma escola de resistência e de preparação para a travessia lenta, ou sem retorno. A luz que a Morte incide no seu jardim pode ser um ato de amor. Implacável, ela é, afinal, capaz de alegria, fonte de mútuo entendimento, dela e meu.

Desce sobre mim a terceira asa do tempo, a reaprendizagem da lentidão, do tempo da experiência, essencial à ideia do desaparecimento. A morte-metamorfose contém uma transparência crua, pétrea, fundida na lâmina que o meu olhar enfrenta, decisiva no instante da minha própria morte. Somos um corpo de escrita que sobrevoa o tombo e a queda, o pensar debruçado sobre a morte, em que tudo se aclara, incógnito, ao partir. ‘Eu sou aquele que escreve e é escrito’ (Edmond Jabès), um corpo que vai respirando entre o hiato insondável. Como morrer pelo meio? Página a página, naquela que estiver aberta, faço regressar o recalcado, o diálogo com o fantasma, escrevo para o conhecer e dominar. Mas a luta pelo prazer de sentir o domínio é só a espera pela mudez que unifique todos os meus fragmentos. A minha grande recusa em morrer é a própria totalidade que sempre começa, incessante, intrusa, impostora. Há uma distância de anos luz que separa o dentro do fora, de qual lado é o contratempo? Cismo na ignorância do tempo, perguntando-me e imaginando morrer em contra-tempo, na grande festa dos sem pressa. Mas morre-se muito mal. A compulsiva demora de morrer, a morte a prazo, o limite gratuito, a civilização da técnica, o imortal. E nas origens, o esquecimento de que a morte está na boca, do fulgor de passarmos para a outra margem do lago – belo de mais para morrer. ‘Não morre o que é belo de mais para morrer’ (Gabriela Llansol), nem os amantes, nem as canções, nem o silêncio. A escrita leva-me para a morte, como o viajante que suporta uma parte perdida, mas recuperável, de nós próprios. Essa é a Dor originária. Esse é o lugar do sacrifício, no qual, livremente, podemos dizer ‘estou bem’ – é João Barrento quem o diz – ‘somos para a morte. O resto é lastro, pesado ou leve, do que chamamos vida.’